



SALVADOR CANDIA

SALVADOR **CANDIA**

ASSOCIAÇÃO ESCOLA DA CIDADE

ARQUITETURA E URBANISMO

presidente | Anália Maria Marinho de Carvalho Amorim

vice-presidente | Marta Inês da Silva Moreira

NÚCLEO ENSINO

diretor | **Ciro Pirondi**

coordenador do conselho de graduação | **Álvaro Puntoni**

EDITORA DA CIDADE - Coleção Arquiteturas

editor | Escola da Cidade **Anderson Freitas**

corpo editorial **Anderson Freitas, Carlos Ferrata, Cesar Shundi,**

**Eduardo Ferroni, Pablo Hereñu, Pedro Barros**

organização e coordenação **Eduardo Ferroni, Cesar Shundi**

revisão **Jacob Lebensztein**

texto de apresentação **Regina Maria Prospero Meyer**

texto de introdução **Eduardo Ferroni**

texto dos memoriais dos projetos **Cesar Shundi**

versão para o inglês **Irene Sinnecker Levin**

projeto gráfico **Sara Goldchmit**

produção editorial e editoração eletrônica **Rodrigo Oliveira e estúdioVIRA**

(**Mariane Klettenhofer, Marina Pappa e Marina Rosenfeld**)

desenhos técnicos **Carolina Sacconi, Pedro Ivo Freire, Rodrigo**

**Oliveira, Mirela Caetano, Hugo Bellini, Diogo Pereira**

impressão gráfica **IBEP**

capa estúdioVIRA *sobre* Ed. Santa Cândida e Santa Francisca

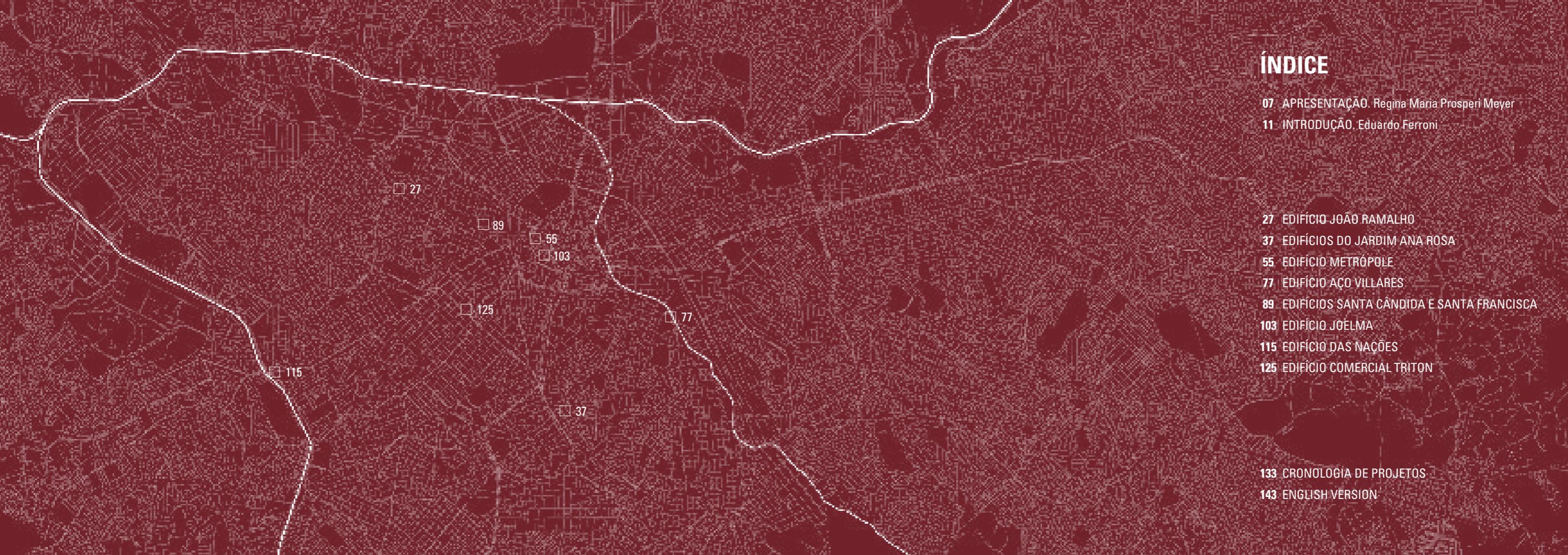
# SALVADOR CÂNDIDA

organização

EDUARDO FERRONI | CESAR SHUNDI IWAMIZU

2013, SÃO PAULO

EDITORA DA CIDADE



## ÍNDICE

**07** APRESENTAÇÃO. Regina Maria Proserpi Meyer

**11** INTRODUÇÃO. Eduardo Ferroni

**27** EDIFÍCIO JOÃO RAMALHO

**37** EDIFÍCIOS DO JARDIM ANA ROSA

**55** EDIFÍCIO METRÓPOLE

**77** EDIFÍCIO AÇO VILLARES

**89** EDIFÍCIOS SANTA CÂNDIDA E SANTA FRANCISCA

**103** EDIFÍCIO JOELMA

**115** EDIFÍCIO DAS NAÇÕES

**125** EDIFÍCIO COMERCIAL TRITON

**133** CRONOLOGIA DE PROJETOS

**143** ENGLISH VERSION

**Regina Maria  
Prosperi Meyer**

## APRESENTAÇÃO

Arquiteta Urbanista formada pela Universidade de Brasília em 1975. Especialização em “Urban Design and Urban Planning” na Architectural School of Architecture – AA — em Londres em 1977. Mestrado (M.Sc) em Arquitetura e Urbanismo na Bartlett School of Architecture of the University College da London University em 1979. Doutorado pela FAU-USP em 1991 com a tese “Metrópole e Urbanismo – São Paulo nos anos 50”. Coordenadora do Laboratório de Urbanismo da Metrópole (LUME) FAU-USP desde 2000. Autora dos livros “São Paulo Metrópole”, IMESP/EDUSP (2004), e “A leste do Centro”, IMESP (2010). Professora Titular da FAU-USP.

A organização deste livro de projetos do arquiteto Salvador Candia tem grande afinidade com sua própria obra e postura profissional. As oito obras selecionadas a partir de um universo extenso traduzem a abordagem concisa que os organizadores do livro, os arquitetos Eduardo Ferroni e Shundi Iwamizu, elegeram para destacar a singularidade de Candia no panorama profissional da arquitetura paulistana. O uso da palavra *situações* para descrever os oito projetos é bem mais do que um achado semântico ou figura de linguagem. Como veremos, trata-se de uma precisa designação adotada pelos organizadores do livro. Revela critério, sensibilidade e sentido didático.

Se, como afirma Ferroni, a obra de Candia ocupou uma posição discreta no panorama da arquitetura brasileira, vale a pena tentar entender a que devemos sua indiscutível importância hoje. E, por que razão é vista como discreta uma contribuição que neste início de século XXI estamos tão claramente qualificando como uma referência para o trabalho de jovens arquitetos. Observada em perspectiva histórica, esta “posição discreta” não condiz com cada uma das oito *situações-projetos* selecionadas,

pois cada uma delas subverte partidos arquitetônicos e implantações urbanas de maneira muito decisiva.

O leitor logo percebe que o conjunto analisado tem caráter exemplar e aponta de maneira clara para a *dimensão urbana da arquitetura*. E, com a mesma força, e num mesmo movimento, para a *dimensão arquitetônica do urbano*. Examinadas de perto e em conjunto, as oito *obras-situações* revelam que a reciprocidade entre as duas dimensões não é um simples jogo de palavras. É, antes, o registro da atitude genuinamente moderna com a qual Candia trabalhou.

Projetando para o Centro de São Paulo na década de 1960, Candia aceita e usufrui a complexidade urbana como ponto de partida para criar uma coerência exemplar entre a organização espacial do edifício, um novo programa funcional e sua implantação urbana. Dos degraus dos novos ônibus elétricos que começavam a cruzar o Centro até as escadas rolantes do Conjunto Metrópole, nascia um fascinante percurso que ia das calçadas, da praça, do jardim, das pérgolas, galerias e terraços, do pilotis até os escritórios. A cidade, como por milagre, a partir da interpretação do arquiteto ganhava

continuidades, afastando-se de rupturas criadas, muitas vezes, em nome de ordenações abstratas.

Em outras *situações*, como o caso do edifício residencial em Perdizes e os dois edifícios do Jardim Ana Rosa na Vila Mariana, a grande gleba ainda desocupada abre caminho para a realização de “superquadras” sintonizadas com as propostas dos precursores do Movimento Moderno quando criaram os conjuntos habitacionais nas cidades onde uma nova forma de vida urbana começava a emergir. Brasília ecoou na metrópole que já parecia resignada com suas tipologias habitacionais.

Nestas *situações*, mais do que uma respeitosa relação com o entorno urbano, Candia procurava reinventar a cidade, e diria até mesmo um conceito de vida urbana a partir de suas “aparentes incoerências”. São *situações* que demarcavam e projetavam as mudanças

almeçadas pelo ideário abraçado por um grupo de profissionais convencidos de que o momento havia chegado. Aprende-se com esses *projetos-situações* que é possível negociar com a “*cidade existente*” retirando dela mesma os partidos necessários para realizar a transformação almejada.

Tendo exercido de forma tão plena seu papel de *arquiteto moderno*, pois mais que ativo, revelou-se sobretudo um arquiteto efetivo em todos os campos da sua vida profissional. Muito mais do que cultivar uma diversidade de interesses, Candia combateu em todas as frentes as posturas que considerava alinhadas com as formas arcaicas de manifestação, como bem registra Ferroni na sua introdução.

Sem fazer parte, diretamente, do grupo de arquitetos que produzia as grandes obras públicas do país,

emblemáticas do nosso modernismo, Candia combateu todas as formas de conservadorismo — dos métodos construtivos à forma de implantar o edifício no lote — sempre em nome dos princípios que levaram a autênticas intervenções no modo de vida urbano.

Candia, tal como as oito *situações* analisadas neste livro demonstram, não precisou de clientes visionários. Trabalhando para o mercado, Candia valorizou o que considerava novo na arquitetura, apontando as possibilidades técnicas que o uso de sistemas modulares oferecia.

A planta funcional defendida por Mies van der Rohe impactou o estudante e, num universo de cultura arquitetônica mais corbusiano do que miesiano, Candia fez sua escolha.

Além das qualidades que este livro deixa claras, uma possível hipótese para tal permanência está no

fato de Salvador Candia ter trabalhado para o mercado imobiliário atendendo, simultaneamente, a demanda do cliente e mantendo sua determinação de participar de forma determinada nas mudanças do modo de vida urbano em São Paulo.

Buscou uma arquitetura e um urbanismo em que a experiência da vida cotidiana pudesse evitar o aprofundamento das fraturas sociais, criando um convívio urbano mais civilizado.

Na São Paulo contemporânea, nesta segunda década do século XXI, suas obras são mais que atuais, indicam um caminho para a arquitetura e o urbanismo. Sem buscar criar “obras de exceção”, criaram um repertório de soluções realizáveis cujo compromisso é tornar a vida urbana mais civilizada com um decidido apoio da arquitetura e do urbanismo.

Edifício Metrôpole.  
Fotomontagem



Eduardo Ferroni

## A DIMENSÃO URBANA DO EDIFÍCIO

Eduardo Ferroni é arquiteto e urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU-USP em 2001 e mestre pela mesma instituição em 2008. Titular da empresa H+F arquitetos desde 2002, em sociedade com Pablo Hereñú. Professor de Projeto na Escola da Cidade, São Paulo, desde 2002.

O projeto de Candia, Croce e Afalo de 1953 segue parte das diretrizes estabelecidas pelo projeto anterior de Abelardo de Souza, parcialmente realizado através da construção de dois edifícios.

A trajetória de Salvador Candia ocupa um lugar discreto no panorama da arquitetura brasileira. Realizada em grande parte para o mercado imobiliário paulistano entre as décadas de 1950 e 1980, e tendo sido pouco comentada pela historiografia e pela crítica desde então, sua obra merece destaque pelas relações contundentes que promove entre a arquitetura e a cidade, ao enfrentar questões emblemáticas de uma metrópole que se transformou radicalmente durante o seu período de atuação.

Lidando com a intensa verticalização dos bairros centrais e com a expansão de novas áreas urbanizadas, Candia explora as relações potenciais entre o edifício e o entorno, realizando uma arquitetura que se funde ao meio urbano e que reforça a sua vitalidade.

Sem pretender representar o conjunto de uma obra vasta e heterogênea, este livro reúne oito situações em que estas qualidades se mostram de forma marcante. São sete obras realizadas entre 1953 e 1974 em São Paulo, atendendo a programas de habitação, escritórios e galerias comerciais, e uma torre de escritórios na avenida Paulista, construída posteriormente segundo uma versão diferente do projeto aqui apresentado — um Estudo Pre-

liminar desenvolvido em 1973. Vistos em conjunto, estes edifícios refletem a busca de uma linguagem construtiva que explora a relação entre estrutura, sistemas de fechamento e de proteção das fachadas; e que resulta de um embate entre as limitações da indústria brasileira da construção e o emprego de técnicas difundidas internacionalmente pela arquitetura moderna do segundo pós-guerra. Sob o ponto de vista urbanístico, estes projetos propõem, cada qual a seu modo, formas diversas de urbanidade. O projeto para a Superquadra em Perdizes (1953), por um lado idealizado sob a mesma ótica urbanística que orientaria a construção de Brasília, propõe a diluição dos parâmetros urbanísticos tradicionais ao implantar grandes edifícios lamelares rotacionados em relação à quadrícula viária,<sup>1</sup> criando uma quadra aberta sobre pilotis que contrasta radicalmente com a ocupação de sobrados que caracterizavam o bairro das Perdizes nos anos 1950. O projeto para a Galeria Metrôpole, realizado por outro lado apenas alguns anos após a experiência de Perdizes, adapta-se delicadamente ao tecido existente do Centro Novo e o potencializa, aderindo-se à geometria irregular dos edifícios vizinhos e construindo um expressivo vazio



de caráter público no interior de uma quadra densamente ocupada. A sobreposição de funções diversas em um mesmo edifício, que neste caso é determinante para que o conjunto se insira no contexto urbano em continuidade com os edifícios vizinhos e com os passeios existentes no pavimento térreo, é também explorada em projetos como o Joelma, Nações e Villares.

Assim como a torre da Galeria Metrópole, cuja implantação marcante na esquina da praça Dom José Gaspar com a Avenida São Luís estabelece uma relação de complementaridade com o recinto urbano numa escala mais abrangente, as implantações das torres Santa Cândida e Santa Francisca em Higienópolis (1963), e o edifício Triton, na Avenida Paulista (1973), partem do desenho dos vazios conformados pelo volume das construções do entorno, numa dimensão que extrapola os limites do lote e que remete à composição do conjunto construído na paisagem.

### São Paulo, 1950

Nos primeiros anos da década de 1950, quando Candia inicia sua atividade profissional, a cidade de São Paulo vive um intenso processo de verticalização e adensamento de seus bairros centrais, consolidando a prática da incorporação de condomínios verticais de apartamentos e intensificando a construção das galerias comerciais no Centro Novo, com o aporte de grandes edifícios de programa misto, como o Copan e o Califórnia de Oscar Niemeyer, ambos do início da década. O período também é marcado por acontecimentos significativos no âmbito da cultura, como a fundação do MASP, do MAM e as Bienais Internacionais promovidas por este museu, que viriam a consolidar a posição da cidade como metrópole cultural, vinculada a um contexto artístico internacional onde predominava a influência norte-americana.

Formado em 1948 pelo Mackenzie, e tendo participado ativamente da fundação do MAM e da organização

Da esquerda para a direita:

01. Candia com Henry Moore e Jacob Ruchti no pavilhão da Bienal, 1953

02. Candia com Fayga Ostrower diante do painel para o edifício Itatiaia, Santos 1957

03. Candia, Fernando Lemos e outros.

Tapeçaria do artista para a loja da TAP na Galeria Metrópole, 1964

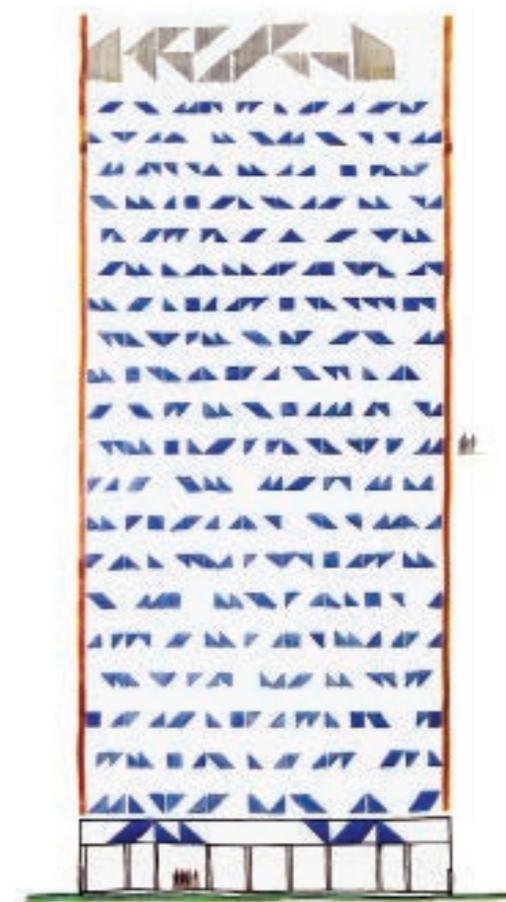
04. Interior da loja da TAP. Candia realizou para esta loja uma abertura na laje do piso térreo, criando um espaço de pé-direito duplo voltado para o subsolo, onde se instalou a tapeçaria de Lemos.

Estudo realizado no escritório de Salvador Candia para os painéis do edifício Iguatemi, São Paulo, 1970.

das primeiras Bienais, Candia vinculou-se a um grupo de arquitetos e estudantes para quem o contato com a arquitetura e as artes modernas representava uma ação de resistência ao academicismo da escola dirigida por Christiano das Neves. Posteriormente, ao ser nomeado diretor do curso de arquitetura do Mackenzie no final dos anos 1960, Candia convocaria novos arquitetos e artistas plásticos para integrar o corpo docente, procurando associar a formação profissional a um universo mais abrangente no âmbito das artes. Este esforço se reflete na participação de artistas como Waldemar Cordeiro, Fernando Lemos e Fayga Ostrower em obras que Candia realizaria ao longo de sua trajetória profissional.

O grupo de colegas ao qual o arquiteto se vinculou desde os anos iniciais do Mackenzie — Igor Sresnewsky, Galiano Ciampaglia, Luiz Roberto Carvalho Franco, Sidney da Fonseca, Miguel Forte, Jacob Ruchti, Plínio Croce, Roberto Aflalo e Carlos Millan, entre outros — daria origem a diversas parcerias de trabalho, empreendendo iniciativas significativas como a Loja Branco & Preto, fundada em 1952 pelos cinco últimos juntamente com Chen Y Hwa.

Distanciando-se da prática da autoria individual, que tão fortemente caracterizou a arquitetura brasileira que se celebrizara internacionalmente, a atuação destes arquitetos aproximava-se mais da ideia de uma autoria coletiva praticada por escritórios como o TAC, de Walter Gropius.



Na São Paulo contemporânea, nesta segunda década do século XXI, suas obras são mais que atuais, indicam um caminho para a arquitetura e o urbanismo. Sem buscar criar "obras de exceção", criaram um repertório de soluções realizáveis cujo compromisso é tornar a vida urbana mais civilizada com um decidido apoio da arquitetura e do urbanismo.

ISBN 978-85-64558-05-2



9 788564 558052